

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Quebra de confiança

Fernando Henrique Cardoso começou a construir sua carreira de administrador da calmaria quando, ministro da Fazenda, anunciou o lançamento da URV como a primeira etapa não de um pacote, não de um plano circunstancial, mas de um processo que levaria o Brasil à estabilização monetária.

De lá para cá, foi eleito e governou em muito sustentado pela imagem de confiabilidade que conseguiu transmitir a um país em tudo e por tudo saturado por anos de sobressalto, cujos cidadãos de quando em vez eram levados à beira do precipício.

Ali ficavam por um período, sem saber se o destino seguinte era o fundo do mar ou a segurança da terra firme. Fernando Henrique Cardoso conseguiu quebrar essa lógica cruel. E ainda na semana passada reafirmou, em entrevista transmitida ao vivo em rede nacional de televisão, que a população brasileira poderia confiar que nada, rigorosamente nada nesse mundo, seria capaz de pegar o Brasil de surpresa.

"Meus ministros estarão aqui para explicar, no momento oportuno, as medidas que estão em estudos", assegurou naquele dia.

Pois numa manhã, menos que isso, cerca de 40 minutos, Fernando Henrique Cardoso conseguiu, se não destruir, pelo menos trincar seriamente aquela confiança que ligava seu olhar e suas palavras à alma do povo brasileiro.

Veio o pacote e, para ficarmos nas medidas de maior impacto popular, no susto aumentou o Imposto de Renda, suspendeu aposentadorias legais (e as ilegais, confessando que até então avaliava a fraude), reajustou o preço da gasolina e deu um tranco na saliência turística da classe média. Os ministros, que segundo ele estariam ali para explicar muito direito tudo o que estava sendo anunciado, limitaram-se a introduzir os temas e deixaram a tarefa árdua para o segundo escalão.

Não vamos discutir o mérito do pacote ou a capacidade dos técnicos de explicar melhor que os ministros as medidas. Conteúdo econômico é assunto para especialistas, que militam em outros espaços. Podemos nos ater à forma, cuja importância é desprezada pelo pessoal dos cálculos, mas, na percepção popular, se for ruim destrói reputações.

E, nesse aspecto, talvez tenha acertado o governo ao não deixar ali o ministro do Planejamento muito tempo em exposição. Sempre poderia haver um cidadão mais aflito que se lembraria de já ter visto Antônio Kandir numa cena semelhante anos atrás. Ao lado de Zélia Cardoso de Mello para anunciar o confisco da poupança.

Claro que a aflição não faz do cidadão um tolo, e ele sabe perfeitamente que os tempos são outros, o Fernando diferente e o índice de desatinos suportáveis pela população bem mais baixo que antigamente.

Mas tudo na vida são sinais. Como, aliás, bem notou o ministro, o candidato e depois o presidente Fernando Henrique ao ter o brilhante *insight* de que o mote era o *processo* e que de surpresas e vaivéns o país já estava pelas tampas.

É indiscutível que o governo não poderia ficar feito Carolina, vendo, cego, o mundo passar na janela. Se ficasse, arriscaria o próprio destino, além de ceder espaço a comparações de tibieza administrativa que não vale a pena aqui relembrar. Pena, no entanto, que tenha cedido à forma escolhida sem ouvir mais ninguém além daqueles que detectaram no clima da crise das bolsas o momento oportuno para empurrar, de uma só vez, um ajuste que já poderia estar sendo feito.

Está bem, para não ceder ao passadismo, digamos que poderia ser feito daqui para a frente, mas como processo. Não dava tempo, o sinal ao exterior precisava ser firme e forte? Ótimo, mas o problema é que os russos moram aqui. E, como nada ficou combinado com eles, sobrou a desconfortável sensação de que a burocracia nocauteou no primeiro assalto (no bom sentido) mas, por absoluta falta de sensibilidade política, pode perder por pontos no final.

Ora, se era para no dia seguinte admitir recuos como os que foram admitidos ontem na questão do Imposto de Renda, de duas uma: ou a medida não era tecnicamente eficaz e absolutamente necessária ou tentou-se a jogada tatibitate de negociar o bode. Se foi isso, como parece, a equipe econômica pode ser esperta, mas não passaria na primeira prova do curso de política do departamento infanto-juvenil do PFL.

E os senhores burocratas que não imaginem poder brincar disso impunemente, pois se não estão percebendo os movimentos conjuntos da direita que hoje faz aliança de ocasião com Fernando Henrique, melhor abrir o olho. E o presidente, que é político e obviamente está notando que será opção preferencial só até o momento em que a população, por algum motivo, resolver que não é mais, talvez pudesse ligeiro informar a eles que confiança popular, uma vez perdida, é como folha morta que a corrente transporta.

Obviamente é cedo para avaliar a dimensão do estrago, nem estamos tratando aqui da previsão do apocalipse, muito menos da associação à torcida pelo desastre que ontem uniu PPB e PT na pregação à imediata desvalorização do real.

Não é isso. Trata-se apenas da simples constatação de que, ao descumprir – pela primeira vez explicitamente – a palavra, Fernando Henrique trincou seu patrimônio de confiabilidade, deixou o país inquieto, despertou no inconsciente coletivo o medo do amanhã ninguém sabe e, ainda, que o efeito seja breve e inócuo mais à frente, jamais poderá dizer que pacotes nunca mais. E a suspeita está no ar.

De agora em diante, FH jamais poderá dizer que pacotes nunca mais porque ninguém vai acreditar